Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH,
Ano VI, n. 18, v. 06, Janeiro de 2014 -
ISSN 1983-2850 – Vida e Morte nas Religiões e Religiosidades
http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/index

Mercado religioso e as denominações afro-brasileiras numa cidade catarinense

Gerson Machado[1]

Resumo: Este artigo apresenta reflexões sobre o processo de constituição do mercado religioso na Cidade de Joinville, Estado de Santa Catarina, no período compreendido entre os anos 1980 e 2000. Problematiza os dados oficiais censitários e indica trilhas interpretativas que tornam o estudo da temática mais diversificado e abrangente, trazendo para a historiografia elementos importantes da teia de relacionamentos humanos como: as lembranças, os registros escritos da imprensa diária e o uso de imagens. Sobretudo, discute como essas trilhas diversificam e acolhem narrativas mais plurais de construção da cidade.
Palavras-Chaves: Mercado Religioso; Religiões Afro-brasileiras; Memória

Religious market and afro-brazilian designations in a city from Santa Catarina state, Brazil

Abstract: The aim of the present study is to show the reflections about the formation's process of the religious market, in Joinville city, Santa Catarina State, Brazil, between the years 1980 - 2000. Questions the official census data and indicates interpretive trails that make the thematic study the most diverse and embracing, bringing into the historiography important elements related to the web of human relationships such as: remembrance, the written records of the daily press and the use of images. However, it discusses how these trails are diverse and really embracing much more plural speeches about the city construction.
Key-words: Religious market; Afro-Brazilian Religions; Memory

Recebido em 07/01/2014 - Aprovado em 19/01/2014

Problematizando os dados censitários

A cidade de Joinville, no estado de Santa Catarina, é palco de um importante processo de migração no Sul do Brasil, especialmente a partir da década de 1960 com ecos deste processo até o presente. Dessa forma, constitui-se como importante centro urbano na região, assentando em seu território não só a tão valiosa mão-de-obra, da qual as empresas se utilizam de forma intensa mas, sobretudo, novos repertórios que tornaram a cidade mais diversificada e pulsante. É diante dessas questões que as reflexões ora apresentadas procuram situar no tempo as negociações e estabelecimentos de uma religião/religiosidade que traz marcas profundas de africanidades distintas, cotejadas com elementos da religiosidade autóctone e ocidental cristã, entre outros, e que constituem o escopo do que é, normalmente, denominado de religiões Afro-brasileiras.

[1] Doutor em História - Especialista Cultural/Educador – Fundação Cultural de Joinville/ Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville – FCJ/MASJ – gerson_machado@uol.com.br.

Para muitos a presença de tais elementos constituem-se como um dado surpreendente tendo em conta que a imagem que esta cidade construiu para o seu processos de identificação passa longe dessas performances. A elaboração discursiva tida como a mais representativa para Joinville é a que a vincula às heranças do expansionismo europeu da segunda metade do Século XIX, especialmente, as trajetórias e narrativas teuto-brasileiras. Poucas narrativas dão lugar a processos como o que está sendo proposto a análise neste artigo. Todavia, a proposta é investigar como, a partir da década de 1980, a cidade passa a acomodar uma denominação religiosa organizada de forma sistemática no cenário urbano – o Candomblé -, sem com isso esquecer que outras denominações já estavam presentes em momentos anteriores.

Tendo essa ressalva no horizonte, o cardápio religioso ofertado às pessoas desde a década de 1980 até 2000 em Joinville é muito variável e diversificado, tanto em termos das metodologias de apreensão da realidade quanto em termos da próprio universo retratado. Se analisarmos os indicadores dos dados censitários realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 1980, 1990 e 2000, essas questões ficam muito evidentes. Neles as quantificações por denominações religiosas são muito distintas entre si.

Enquanto nos dados do Censo de 1980 temos apenas 08 tipos diferentes de religião, no censo de 1990 o leque amplia-se para 12, com espaço inclusive para os sem religião. Já o censo do ano 2000 amplia consideravelmente as possibilidades das pessoas se declararem pertencentes a alguma religião, apresentando 50 possibilidades. Apesar do avanço dos mecanismos de aferição, eles estão longe de retratarem a realidade do fenômeno religioso, conforme ele se apresenta, inclusive com a possibilidade de uma mesma pessoa professar mais de uma denominação ou, ainda, configurarem novas e cambiantes religiosidades. Outrossim, podemos inferir que os avanços, também, ocorreram em consonância aos movimentos reivindicatórios das inúmeras religiões instituídas existentes no cenário nacional.

Especialmente, é necessário problematizar questões como a metodologia de coleta de dados, bem como, as ações dos sujeitos recenseadores nessa tarefa. Em muitos casos pode haver algumas adaptações que podem comprometer a qualidade das informações, como bem denunciou o Sr. Fernando Piske, no Jornal A Notícia do dia 01 de Outubro de 1980, com o título Censo Religioso & Eleições. O primeiro período do artigo já denuncia:

> O Censo que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realiza no que tange ao quesito **religião** não vai espelhar a realidade brasileira de 1980, a prevalecer o critério adotado por certa recenseadora em Jaraguá do Sul.
> Encarregada do lado par da Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, pelo menos até o edifício Miner, invoca instruções recebidas do IBGE para consignar ao questionário como religião

> do recenseado a em que ele foi batizado e não a que hoje professa, o que vai deturpar totalmente o resultado final do Censo.[2]

Problemas à parte, ao verificar os dados estatísticos de Joinville referentes ao Censo de 1980, temos uma população de 234.215 habitantes. Destes, apenas 152 se declararam como pertencentes a alguma religião espírita afro-brasileira, perfazendo um percentual de 0,06 % da população, apesar de apelos feitos pelas lideranças religiosas afro brasileiras, como foi o caso do Senhor J. Telles[3], quando, em 04 de setembro de 1980, ele publicou na página de variedade do Jornal A Notícia, o artigo Umbanda, Candomblé, Espiritismo e o Censo. Nele, o autor exorta os fiéis dessas denominações a professarem abertamente a religião a que pertencem. Inclusive, ele lamenta a própria forma como Maria Escolástica de Nazaré, conhecida como Mãe Menininha do Gantois, que na época ocupava destaque no cenário religioso, político e artístico popular, entre outros aspectos. Pois bem, essa famosa Iyalorixá declarou-se católica, para o espanto dos que professavam alguma religião afro-brasileira de forma militante, como bem discute Josildeth Gomes Consorte[4]. Telles prossegue em seu artigo esclarecendo e propondo uma classificação, a fim de que os leitores menos informados pudessem se autodeclarar de forma consciente e precisa:

> pelo menos, gente de Candomblé e de umbanda, vamos aproveitar o censo para saber o quanto somos! É preciso saber, isso nos ajudará muito!
> Darei umas "DICAS" para vocês:
> 1º) Não confundam sincritismo (*sic.*)com Catolicismo ou religião – sincretismo existe em todas as religiões.
> 2º Para facilitar diferencie o seu ritual da seguinte forma:
> - **KARDEXISTA** ou **ESPÍRITA**: É aquele que professa a Filosofia de "ALLAN KARDEK" (trabalhos de doutrina e mesa);
> - **UMBANDISTA**: É todo aquele que professa o culto do santo, trabalham com as entidades de "PRETOS VELHOS", "CABOCLOS" E CRIANÇAS – Exemplo: Umbanda Branca (sem matança) – Umbanda Mista (com matança e Cruzamentos) – Catimbó (Mestres-Salas) e cultos-afins (Pajelança), etc, etc. Trabalhos em Terreiros, cânticos em português~es e toques estilo de samba;
> - **CANDOMBLECISTA**: É todo aquele que professa p CULTOS DOS ORIXÁS – Exemplo: Nagô, Geje, Geje Vodum, Geje Efãn, Gêje-Mahia, Gêje-Mina, Omolocô, Cabula, Kêto, cabinda, e Cultos afins – Trabalhos com cantigas em geral no

[2] Jornal A NOTÍCIA, 1980, p.2
[3] José dos Lyrios de Lyra Telles, apresentado como embaixador do Cultos de Angola e Cabula no Brasil, com Carta Patente nº 343/78 – Angola. O mesmo fazia parte da comissão provisória da restruturação da União Joinvilense de Umbanda. (Cfe.:Jornal A NOTÍCIA, 26 set. 1980, p. 5, Local)
[4] CONSORTE, 2010, em especial às páginas 212-215.

> dialeto de Kêto, gêje e Angola, dialetos falados em Kibundo, Kêto, Gêje, Angola, Congo, e também a corruptela marcante dePortuguês-Kibundo – Toque em Atabaques (Kêto-Gêje-Angola-Ijexá-Xambá).
> **3º** Lembre-se que não importa suas origens quando criança de outras Religiões – O IMPORTANTE É QUE VOCÊ REALMENTE PROFESSA E TEM CONVICÇÃO!
> Diferencie – **KARDECISMO [5]OU ESPÍRITA – UMBANDISTA E CANDOMBLECISTA.** [6]

Esse verdadeiro guia resultou num número relativamente pequeno de praticantes dessas duas religiões (Candomblé e Umbanda) que se autodelararam como tais. Dez anos depois, o censo de 1990 indicava uma população total de 347.152 habitantes, havendo um incremento de 48% em termos populacionais. Houve uma decadência do número de habitantes que professaram ser praticantes de alguma religião afro-brasileira (Umbanda e Candomblé), sendo 128 apenas, perfazendo 0,04% da população da cidade.

No censo de 2000 a cidade contava com 429.604 habitantes, um incremento de 23% em termos percentuais ao censo anterior. Desses, 282 professaram pertencer à religião Umbanda (0,07%) e nenhum se pronunciou como praticante do Candomblé.

Se compararmos os números apresentados com os dados destacados por Reginaldo Prandi, em relação à distribuição populacional por religiões no Brasil, temos que 0,34% dos brasileiros se declaram como pertencentes às religiões de matriz afro-brasileira, totalizando 571.329 pessoas. Dessa forma, fica evidente uma diferença considerável se compararmos o cenário local com o nacional, já que a autodeterminação religiosa vinculada às religiões afro-brasileiras em Joinville é bastante diminuta se compararmos com o cenário nacional, o qual apresenta, também, números diminutos, que escamoteiam o real universo dos praticantes dessas religiões. Certamente, esses dados estão longe de representarem a realidade, ainda mais que no último censo apresentado, havia, pelo menos, uns três ilês axés na cidade, como veremos mais adiante. A metodologia amostral utilizada pelo IBGE[7] não dá conta de captar traços de existência de denominações religiosas com poucos membros e com alto processo discriminatório, se considerarmos o mercado religioso existente.

Nessa perspectiva, Reginaldo Prandi discute a baixa porcentagem de pessoas que se declaram como pertencentes às religiões afro-brasileiras, apontando prováveis causas que mascaram tais números. Para ele, em muitos casos, os adeptos das religiões afro-brasileiras denominam-se católicos em virtude do sincretismo decorrente da situação histórica em que essas práticas se constituíram, proporcionando uma deturpação nos dados para menos. Paradoxalmente, quanto mais próximo da tradição do Candomblé, mais o fiel se professa católico, "quanto mais tradicionais os redutos pesquisados, mais os afro-brasileiros continuam se declarando, e se sentido, católicos. Mais perto da tradição,

[5] *Sic.*.
[6] Jornal A NOTÍCIA, 04 set 1980, p. 19. (destaques no original)
[7] Conferir: IBGE, 1980, p. XIV e XXX; IBGE, 1991, p.p. 11,12 e 13; IBGE 2003, p. 317-325 .

mais católicos."[8] É o mesmo Prandi que afirma que outro dado que reforça esse escamoteio é o preconceito histórico e cultural em torno dessas religiões o que impede a autodeclaração, mascarando o índice oficial.

Entretanto, o caso joinvilense possui outras variantes que, possivelmente, atenuam esses percentuais. Dentre eles, destacamos a narrativa histórica consagrada pela historiografia oficial que se baseia nos princípios do *Deutschtum*. Esta apregoa ao imigrante dessa etnia o papel de empreendedor, de herói, de desbravador. A crença é a de que, ao aportar em terras brasileiras, esse imigrante trazia todas essas qualidades, as quais, muitos acreditam, seriam inatas a todos os germânicos. [9] Todos sabem que esse entendimento fundamenta-se, também, em teorias de cunho racista, que estiveram muito em voga no Brasil em meado do século XIX até meados do século XX.[10] Sandra Pesavento analisa o caso de Porto Alegre onde, no fim do século XIX, se consolida uma elite branca ilustrada, com ideais de modernização em todos os níveis da sociedade local e nacional, inspirados no ideário positivista. Diante disso, a autora questiona: "neste Rio Grande republicano não havia lugar para crendices, superstições, bruxarias, batuque, feitiços... ou haveria?"[11] Como resposta, Pesavento evidencia várias práticas e personagens que continuaram a existir mesmo em detrimento de toda a campanha estabelecida por essa elite.

Em muitos casos, entretanto, essas religiões estabeleceram processos de equivalências com elementos de outras religiões, especialmente o catolicismo e o espiritismo kardexista, conjugados com a cosmovisão africana. Assim, a umbanda, em grande medida, é fruto de um esforço intelectual que buscou dar o status de aceitabilidade e verossimilhança ao espiritismo, ao colá-lo a um discurso racional científico, como bem aponta Artur Cesar Isaia, ao discutir o papel dos intelectuais da umbanda que defendiam a ordenação e o progresso da religião em consonância com os ideais positivistas da nação brasileira.[12] Numa outra perspectiva, Renato Ortiz ressalta que a compreensão da religião umbandista deve se dar de forma dinâmica, num "duplo movimento; primeiro, o embranquecimento das tradições afro-brasileiras; segundo, o empretecimento de certas práticas espíritas e kardexistas".[13]

Aqui é preciso contrapor o caso de Joinville que, diferentemente da capital gaúcha, não possui uma história assentada nos princípios coloniais escravistas. Na verdade, a Colônia Dona Francisca nasce como um espaço redimido dentro do cenário nacional já que, grosso modo, sua fundação situa-se no processo de modernização do estado/império brasileiro, marcado pelo esforço da substituição da mão de obra escrava pelo imigrante-colonizador-trabalhador-assalariado. É importante ressaltar que uma das condições que o imigrante tinha que respeitar na referida colônia era a impossibilidade de possuir escravos. Contudo, essa determinação não o impedia de utilizar essa força de

[8] PRANDI, 2004, p.225.
[9] SEYFERTH, 1974; GRUNER, 2003 e MACHADO, 2003.
[10] SCHWARCZ, 1993.
[11] PESAVENTO, 2006, p. 130.
[12] ISAIA, 1999, p. 97-119.
[13] ORTIZ, 1990, p. 33.

trabalho, já que é sabido que, no entorno da colônia, havia vários sesmeiros, proprietários de escravos, sendo a contratação desse tipo de mão de obra algo plenamente plausível, tema que carece de pesquisa.[14]

Essas reflexões são importantes, pois, apesar da temporalidade estabelecida por esse projeto situar-se entre as décadas de 1980-2000, a presença negra e da religiosidade afro-brasileira na cidade era algo frequente mesmo antes das décadas em questão. A escolha por esse período se deve ao fato da cidade passar a vivenciar um movimento de profundas alterações em todos os níveis. Nesse sentido, em Joinville, o processo de crescimento industrial e populacional, intensificado a partir da década de 1960, provoca também uma alteração nas práticas religiosas de matriz afro-brasileira. Conforme relatos, a cidade até então possuía cultos dessa matriz que se manifestavam, a princípio, de forma aleatória e, em alguns casos, em casas de particulares e/ou terreiros dedicados a este fim.

Esse cenário passou por uma profunda alteração, em virtude de novos elementos que passaram a compor a cidade, como: o aumento populacional, a diversidade de rituais e de religiões e a consequente negociação dos sinais diacríticos, com os quais os grupos religiosos passaram a se identificar. Se até cerca de 1980 as práticas religiosas afro-brasileiras estavam mais próximas do modelo umbandista, a partir de então o cenário religioso da cidade passa a ser ocupado, também, pelos candomblecistas, com a instalação/fundamentação de um ilê axé na cidade. Conforme relatos, frequentavam esse espaço, desde adeptos assumidos até personalidades públicas do mundo político-econômico-social de Joinville e região, estes, porém, de forma discreta. Essa situação está em consonância com uma das características do período que é a universalização dessas religiões, afrouxando as cercas que as instituíam como um dado exclusivo da etnia negra. [15]

Vários indícios apontam para uma oferta relativamente generosa de serviços religiosos na "Manchester" catarinense. Eles evidenciam, além de um mercado consumidor que poderia não ter uma vinculação direta com alguma dessas religiões, mas sobretudo, deixam transparecer uma ampla rede constituidora de uma comunidade de sentidos que além de ocupar as páginas dos classificados dos jornais diários, também, tem serviços ofertados e divulgados por um dos marketings mais infalíveis que existem que é o sistema boca-a boca. Em suma, não existe religião do "eu sozinho", porquanto sempre haverá uma relação que pressupõe o outro, sendo este um ente fora da realidade imaterial (deuses, anjos, espíritos) ou com quem se diz representante ou testemunha do outro e/ou do seu representante. Se há o crente, este o é identificado na medida em que testemunha a eficácia do outro, ou como diria Jacques Derrida " Não há *religio* sem *sacramentum*, sem aliança e promessa de testemunhar em verdade da verdade, isto é, de dizer a verdade."[16]

Também podemos perceber que esse mercado oscila na medida em que a grande mídia transforma em produto cultural, disponível ao consumo, o tema do esoterismo,

[14] FONTOURA, 2005, p.22-25.
[15] PRANDI, 2003, PIERUCCI, 2006.
[16] DERRIDA, 2000, p. 45.

como bem demonstra a reportagem intitulada "O esotérico na televisão".[17] Os anúncios da década de 1980, especialmente, informam ao mercado religioso a oferta de outros serviços espirituais além do que costumeiramente vinha sendo ofertado na cidade. É neste período que os serviços do Candomblé passam a constituir um discurso religioso na cidade, dado ao consumo, dito de outra forma, pela imprensa é possível acompanhar a emergência de uma nova dizibilidade em termos de religião que passa a compor a "fisiognomia" da cidade.

Sobretudo, isso fica evidente ao percebemos que algumas Iyalorixás e babalorixás ofertam claramente seus serviços, procurando diferenciá-lo em relação aos demais, como é o caso da oferta do jogo de búzios, um oráculo comumente utilizado nos Candomblés. Outros anúncios simplesmente ofertam os serviços, indicando uma forma de contato, mantendo incógnito o prestador do serviço. Silas Guerreiro comenta: "A oferta de práticas divinatórias em praças públicas não causa estranheza na paisagem das grandes cidades, fazendo parte do cotidiano de um amplo contingente de pessoas. É preciso perceber de que maneira os jogos divinatórios mantém uma aura misteriosa e oculta ao mesmo tempo em que se abrem a uma exposição pública e à oferta de seus produtos como numa feira comercial."[18] Os itens 1, 2 e 5 da Figura 1 mostram as estratégias das ofertas em atender, além das questões pessoais, assuntos ligados ao mundo dos negócios empresariais, comerciais e industriais, especialmente, prometendo, conforme o item 1, orientações para "problemas comerciais, industriais e assuntos particulares", numa clara consonância com o espírito da cidade, muito marcada pela ideologia do empreendedorismo.

Os anúncios revelam, também, que alguns locais estavam situados no centro da cidade em residências, como é o caso do item 3, na qual Dona Alice oferta consultas espirituais com cartas, búzios e tarô, na Rua Dona Francisca, nº 490, na área central de Joinville[19]. Neste endereço ela atendeu até o ano de 2010. O item 1, também ofertava serviços na Rua Lages, 978, num bairro central da cidade, América, há umas 5 quadras de distância da casa de D. Alice.

De outra maneira, dos anúncios selecionados, gostaria de destacar o item 4, da figura 1, que anuncia a transferência do local de atendimento da "dona Marli da rua Guarujá", no Bairro Itaum, quando esta passa a atender na rua Suburbana, 401, no Bairro Fátima, sem informar telefone para contato. Isso revela, sobretudo, a existência de um ilê axé estruturado, sendo que à medida que as pessoas necessitassem dos serviços, poderiam comparecer no endereço indicado. Também, gostaria de destacar o tom familiar com que "A dona Marli da rua Guarujá" é apresentada, revelando uma certa popularidade desta sacerdotisa. Desconfio, inclusive, que tal anúncio possa ter sido encomendado por algum filho espiritual da Iyalorixá, ou ainda, algum cliente, satisfeito, grato e dando testemunho

[17] Jornal A NOTÍCIA, 03.11.1987, s.p.
[18] GUERREIRO, 2009, p. 254
[19] Dona Alice atendeu por mais de trinta anos na Rua dona Francisca, 490, Centro. Atualmente, não atende mais neste endereço, pois teve de mudar em virtude dos constantes alagamentos que o imóvel vem sofrendo. É Natural de São Paulo, não possui casa de santo estruturada mas atende no seu domicílio inúmeros consulentes.

de sua eficácia. Retomando a ideia da influência da mídia na oferta e visibilidade dessas religiosidades, a Figura 2 reproduz uma página de classificados do Jornal A Notícia de 26 de abril de 1987. Esse ano parece ter uma aura diferente da dos demais, em termos de divulgação das religiões esotéricas e afro-brasileiras. Esta situação se complementa ao retomarmos a Figura 3, com a reportagem de divulgação das telenovelas Mandala e Carmem, citando Dias Gomes (autor da telenovela da Rede Globo de Televisão), o artigo argumenta: "-O povo brasileiro, sem dúvida, é místico (...) Talvez, por desesperança, por sofrimento e decepções, precisa acreditar em alguma coisa. Por isso é um povo que não tem apenas uma religião. A gente vê católico que vai à macumba, marxistas que acreditam em gurus, materialistas que fazem mapa astral. É um povo ecumênico." [20]

[20]Jornal A NOTÍCIA, 1987, s.p..

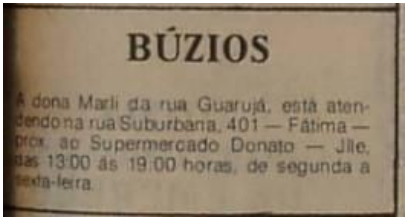
Figura 1 - Anúncios de serviços espirituais ofertados nos classificados do Jornal A Notícia (1980 – 2006)

1

2 (*)

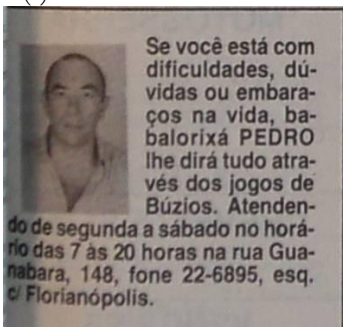
3

4



5

6 (*)



Notas:

1. Jornal A Notícia. Classificados, 30 ago. 1980, p.17.
2. Jornal A Notícia. Classificados, 06 dez. 1985, p.16.
3. Jornal A Notícia. Classificados, 02 set. 1987, p. 18.
4. Jornal A Notícia. Classificados, 09 jun. 1987, p. 18.
5. Jornal A Notícia. Classificados, 01 nov. 1987, s.p.
6. Jornal A Notícia. Classificados, 22 fev. 1989, s.p.

2 (*) e 6 (*) – Esses dois são os que ocupam por mais tempo as páginas dos Classificados do Jornal A Notícia, sendo que as respectivas figuras 2(*) e 6(*) correspondem à primeira vez em que eles anunciam. Essa oferta se apresenta até o momento em que o Jornal passa por uma revisão editorial e assume o formato tabloide, em setembro de 2006, quando é adquirido pelo grupo RBS.

Figura 2 - Página de anúncios de serviços espirituais em classificados do Jornal A Notícia, 26.04.1987.

Que tal? Você ter sempre à mão, na sua empresa ou residência, a mais saudável água mineral.

Disque 22-4570 e peça informações. Araucária atende você!

PROCURA-SE EMPREGO

Jovem de 25 anos, procura emprego para trabalhar em área Administrativa ou Financeira, ou ainda na de produção no ramo de madereira. Boa experiência. Tratar fone: (0498) 24-104 ou 24-163, c/Lauri — Romelândia/SC. Conhecimentos adquiridos na Administração de pequena empresa.

CONSULTAS

Joga-se CARTAS e BÚZIOS trabalhos para todas as finalidades. RITUAL AFRICANO. Somente com hora marcada. Fone (0482) 33-1480.
AS BENÇÃO DE OXALÁ

ETIQUETAS E EMBALAGENS

Pano, curcel p/confecções, alumínio, papel, aço inox, vinílica, decalques, adesivos em silk screen, bonês, brindes personalizados, camisas, shorts, calções, bolsas e agasalhos esportivos, bolas, sacolas plásticas personalizadas alto e baixa densidade, embalagens em PVC para sachet, chocolates, bonecas, etc.
Escritório: rua A-90 — bloco 2 — sala 13 — Curitiba - PR. Fone (041) 273-5994 — caixa postal 436.
Recados em Joinville (0474) 22-31[illegible]

TELEFONES COMPRA-SE

Se você dispõe de um telefone para vender, use nossos serviços. É mais rápido e seguro. FONE CENTER — BOL TEL — Fone: 22-7777.

DESENTUPIMENTOS ENCANAMENTOS

Desentupimentos por processo moderno, sem quebrar paredes, nem pisos. Canos, ralos, pias, vasos sanitários, drenagens e tubulações em geral. Serviços rápidos, encanamentos, reformas e construções. Mão-de-obra especializada, com pronto atendimento. Informações rua Dr. João Colin, 783 — fone 22-4197 — CSG — Joinville.

REFORMAS EM GERAL

Serviços de:
— Encanador
— Carpinteiro
— Pedreiro
— Pintor
— Eletricista
Desentupimentos
Instalação de divisórias e Prateleiras.
Contatos pelo telefone 22-3609 Sr. Herculano/Tarcísio.

ASTRÓLOGO TEOSOFO ESPÍRITA HOMAR MORAES

As cartas astrológicas vão indicar à você o sucesso, as fases positivas e negativas dos negócios, amor, saúde...
Sua personalidade espiritual mediúnica e social, seu futuro e combinações dos signos — Atende diariamente — rua Artur Zeefelt, 796 (3º ponto de ônibus da Papa João XXIII) quem entra pelo trinta ou fone 27-1143 — Joinville.

CONSULTAS

Joga-se cartas e búzios trabalhos para todas as finalidades. Ritual africano. Somente com hora marcada. Fone (0474) 33-1480 Florianópolis/SC.

"AS BENÇÃOS DE OXALÁ"

COMUNICADO

A advogada, Dra. ANELORES R. COELHO, informa aos clientes e amigos seu novo endereço, rua Alexandre Döhler, 343 — Joinville/SC.

TOLDOS E ABRIGOS

— Esteirinha de madeira
— Persiana vertical
— Capachos de box
— Portas sanfonadas
— Móveis embutidos
Fone: 22-1977 — Joinville. Fone: 22-6867 — Florianópolis. Fone: 33-3166 — Criciúma.

COMUNICADO

Os DRS. WALTER CORAL (Oftalmologista)
e AMÉRICO CORAL NETO (Dentista)
Comunicam o novo endereço à rua João Marcatto esq. com Marechal Deodoro (em frente ao Colégio São Luiz), Ed. Domingos Chiodini, nº 13, Salas 308 e 208, fone (0473) 72-2085 — Jaraguá do Sul-SC.

PROMOÇÃO VENDA DE MADEIRA QUADRADA DE PINOS PARA CONSTRUÇÃO NA ENGEFLORA,
25% de desconto. Contatos fone (0474) 22-7404 — Joinville/SC. Aceita-se pedidos sob encomenda.

DINHEIRO

Nós lhes emprestamos o dinheiro que você precisa... basta que você seja funcionário público, federal, estadual ou autárquico... tais como — policial militar, policial civil, professor estadual, militares do Exército, Marinha e Aeronáutica. Ativos e inativos... funcionários do Tribunal de Justiça, Assembléia Legislativa, etc. — liberação rápida — sem avalista ou SPC.
Documentos necessários — identidade, CPF/CIC — último contra-cheque. Endereço rua Pedro Ferreira, 155 — 11º andar — sala 1.109 — [illegible]

NÃO COMPRE

Você tem 100 mil para investir? Não perca anos nem seu dinheiro. Informe-se antes. Lançaremos um produto sem concorrência no Brasil. Tecnologia que causará um impacto revolucionário. Atue como distribuidor exclusivo. Detalhes (021) 325-7137 — Depto Marketing.

LUCIMAR!

PIANO

A Escola de Música "Villa-Lobos" necessita de um piano em bom estado. Interessados em alugar devem contatar com a Casa da Cultura de Joinville, p/telefones 22-6491 ou 0190.

Nota: Percebe-se que há abundante oferta. Acredito que isto se deva ao fato de, naquele ano estarem sendo exibidas duas novelas televisivas, Mandala e Carmem, sendo a primeira na Rede Globo de Televisão e a outra na extinta Rede Manchete de Televisão.

Figura 3 – Reportagem "O esotérico na televisão" – destaca o modismo do esoterismo presente no cotidiano (1987) com ressonância nas produções de novelas televisivas

O esotérico na televisão

Divulgação

Guarnieri e Paulo Gracindo, em **Mandala**. *Família de confusões*

A história de uma mulher de sangue ardente e sensual, cuja vida se transforma em tragédia a partir da sua paixão por um homem ambicioso e vulgar, e a história de um rapaz cuja vida foi traçada para ser uma tragédia antes do seu nascimento, levando-o a uma paixão impossível — fatalmente tomarão conta dos telespectadores de todo o Brasil nos próximos seis meses.

A história de Édipo na novela **Mandala**, adaptação livre e moderna de Dias Gomes para a tragédia de Sófocles, escrita há 2.500 anos, está na Globo às 20h30min, e a história de **Carmem**, livre interpretação de Glória Perez para o conto de Prosper de Marimée, escrito em 1845 e transformado em ópera por Bizet em 1875, está na Manchete às 21h30min. As duas falam de paixão e destino e, como atração a mais, levam para a novela uma doutrina muito em moda nos dias de hoje: o esoterismo.

Paixão e destino

Para o telespectador acostumado a ver novela quase que exclusivamente na Globo, a Manchete, depois de obter 30 pontos no IBOPE do Rio com os últimos capítulos de **Corpo Santo**, está certa que fará renascer um horário de novela que há anos fez sucesso na Globo, prendendo mais tempo o grande público à tela pequena e desmentindo os críticos que chegaram a decretar a morte no Brasil da telenovela.

Deixando de lado a briga das emissoras por audiência, o que é saudável em todos os aspectos, **Mandala** e **Carmem, Dias Gomes e Glória Perez, involuntariamente, discutem dois temas fundamentais para o ser humano: a paixão e o destino.**

E paixão, destino, psicologia e o esotérico são ingredientes comuns às duas novelas. Em Mandala, cujo sentido literal da palavra é círculo, mas mais do que isso é expressão de todos os caminhos, o caminho que leva ao centro, Dias Gomes ao resgatar o mito de Édipo toca em aspectos essenciais para a psicologia humana.

— Quando me decidi a adaptar a história de Édipo e Jocasta foi porque sinto que ela é uma das mais empolgantes que a humanidade já conheceu — afirma Dias Gomes. A minha versão é livre e moderna, fala sobre a inexorabilidade do destino, da luta do homem contra o seu destino, da discussão sempre presente de se o poder do ser humano é capaz de mudar ou não a sua trajetória na vida.Fazendo questão de esclarecer que não se trata de uma adaptação e sim de uma livre interpretação da história de Prosper de Merimée, Glória Perez não fez de sua **Carmem** uma cigana como no original. Na novela é uma mulher que nasceu e se criou no bairro da Saúde, zona portuária do Rio de Janeiro.

— Eu pretendo mesmo dar uma outra leitura à história de **Carmem**, destacando o psicológico — diz Glória Perez. Assim, quem quiser, através desta segunda leitura, poderá compreender a transformação de **Carmem** como uma luta travado no interior dela mesma.

O esotérico

No momento em que as pessoas, talvez por desilusão, mais procuram o esoterismo, **Mandala** explora todos os símbolos: tarô, mapa astral, búzios, sonhos, pirâmides, paranormalidade, entre tantos outros.

— O povo brasileiro, sem dúvida, é místico — acrescenta Dias Gomes. Talvez por desesperança, por sofrimento e decepções, precisa acreditar em alguma coisa. Por isso é um povo que não tem apenas uma religião. A gente vê católico que vai à macumba, marxistas que acreditam em gurus, materialistas que fazem mapa astral. É um povo ecumênico. Assim, coloquei em **Mandala** tudo que pudesse estar ligado ao universo central da novela, que é o destino.

O conteúdo místico e mágico da personagem de Prosper de Merimée será resgatado por Glória Perez com o pacto que a sua **Carmem** faz com a pombagira, depois do capítulo 30. No pacto, Carmem promete servir e dedicar-se à pombagira em troca do poder de sedução sobre todos os homens. Carmem não pode, entretanto, amar nenhum homem, porque senão o pacto estará quebrado e ela ficará sujeita aos riscos e vicissitudes de uma mulher comum.

— É através do pacto que **Carmem** incorpora a "cigana", adquirindo então as características marcantes da personagem clássica — diz Glória Perez. Sou uma escritora um pouco "medium" e acho ótimo que a história de Merimée fale de uma mulher, do seu desejo, paixão e destino. Na minha novela o destino age quase como um personagem que conduz a trama para o desfecho.

Ao encaminhar o primeiro capítulo, Dias Gomes fez questão de avisar a todos que "o clima é mágico e deve dar desde já o tom da novela". O mesmo clima de magia Glória Perez promete em **Carmem**.

Nota: Jornal A Notícia. Serviço, 03 nov. 1987.

Umbanda e Candomblé: mercado em disputa

A análise da documentação impressa divulgada no jornal diário de Joinville, A Notícia, no período em questão, revela uma intensa presença da Umbanda no campo religioso afro-brasileiro da cidade. Marcadamente, determinadas datas, como é o caso do *reveillon* e dos dias dedicados aos santos católicos sincretizados com as entidades umbandísticas, notadamente o dia 23 de abril, em que se comemora o dia de São Jorge, santo popular da Igreja Católica, o qual é sincretizado com Ogum da Umbanda, apresentam-se com certa frequência entre os anos de 1980 e 1990. Desta forma, as festas de virada de ano sempre renderam reportagens voltadas às questões umbandísticas, vinculando em muitos casos, o quanto isso se reflete no comércio de artigos religiosos, inclusive como bem demonstra a Figura 4). Esta menciona alguns aspectos importantes, como, por exemplo, a existência de "mais de 100 terreiros e congares" na cidade.

A reportagem informa alguns aspectos históricos de tal ritual afirmando:

> ...que veio com os africanos para o Brasil foi realizado e muitas praias localizadas perto de Joinville, como Barra Velha, Barra do Sul, Ubatuba e Camboriú." Informa, também, as dádivas oferecidas pelos devotos "champanhe, perfumes, pó de arroz, espelhos, pentes, flores azuis (rosas brancas) e muitas velas nas cores azul e branca[21]

A cultura material listada na reportagem é composta de produtos abastecidos principalmente pelos comércios situados em Joinville. A reportagem descreve, ainda, alguns aspectos do funcionamento do ritual:

> todas as oferendas são colocadas em um barco e lançado ao mar por cada terreiro (...) defumadores para Iemanjá, preto-velho e caboclo são acesos além dos diversos incensos (...) ao som das tabaques os médiuns se incorporam no preto velho ou no povo do mar(...) Muitas vezes um esquema de salva-vidas é acionado para que as mulheres que entram mar a dento sejam protegidas evitando-se afogamentos.[22]

Essa paisagem longe de ser um dado pitoresco de uma cidade voltada ao trabalho que, em determinadas épocas do ano, vê seus habitantes exercitando a fé em outros locais, se consolida como um lugar comum, já que os umbandistas tomam a Manchester para reunirem-se, celebrarem e organizarem-se em movimentos. Dois eventos são paradigmáticos para entendermos o processo de estabelecimento das religiões afro-brasileiras em Joinville. O primeiro evento que destaco foi o anunciado Congresso

[21] Jornal A NOTÍCIA, 1982.
[22] *Idem.*

Nacional de Umbanda, que seria realizado entre 12 e 13 de setembro de 1981, conforme o Jornal A Notícia de 6 de junho do mesmo ano (Figura 5). Todavia, o evento foi realizado nos dias 20 e 21 de setembro e foi promovido pela União Joinvilense de Umbanda e contou com a presença de mais de 3.000 pessoas, com destaque para políticos e autoridades diversas, de vários estados brasileiros (Figura 6).

Outro evento importante para a discussão ocorreu seis anos depois, promovido por outra associação. Assim, na tarde de 21 de abril de 1987, cerca de 350 médiuns de todo o estado de Santa Catarina reuniram-se no ginásio de esportes Abel Schultz, no Centro de Joinville, assistidos por mais de 1.200 pessoas, contando inclusive com a presença de autoridades diversas (Figura 7). O evento teve como objetivo "mostrar ao povo que a umbanda, acima de tudo, está unida, e também louvar os santos do Candomblé", nas palavras de Omar Moraes, então presidente da Associação Espírita de Santa Catarina. Certamente, Omar estava valorizando a papel da Umbanda na sociedade ao mesmo tempo que reconhecia em seu discurso a presença do Candomblé no campo religioso afro-brasileiro de Joinville e do estado de Santa Catarina. Neste período, as religiões afro-brasileiras em Joinville já apresentavam uma diversificação maior, em virtude de estarem representadas através do Ilê Axé de Iemonjá Ogunté, fator que contribuiu para o reconhecimento e diversificação do campo.

Figura 4 – Reportagem do Jornal A Notícia 01 de Janeiro de 1982

Sexta-feira, 1 de janeiro de 1982

Festa de Iemanjá: lojas vendem bem

Nos últimos dias do ano, as duas lojas de artigos de umbanda em Joinville tiveram um bom movimento de vendas, atendendo os mais de 100 terreiros e congares que na entrada do ano novo realizaram a festa de Iemanjá, a chamada rainha do mar.

Este ritual que veio com os africanos para o Brasil foi realizado e muitas praias localizadas perto de Joinvile, como Barra Velha, Barra do Sul, Ubatuba e Camboriú. Alguns terreiros já fizeram a sua festa no último dia 30. Nas lojas, como sempre, os artigos mais vendidos para serem oferecidos a Iemanjá foram champanhe, perfumes, pó de arroz, espelhos, pentes, flores azuis (rosas brancas) e muitas velas nas cores azul e branca.

No dia 31 os umbandistas pagam promessas e fazem oferendas esperando alcançar novas graças. Todas as oferendas são colocadas em um barco e lançado ao mar por cada terreiro. Quem não pode participar da festa de Iemanjá faz seu pedido através de bilhetinhos que são colocados também dentro do pequeno barco. Defumadores para Iemanjá, preto velho e caboclo são acesos além dos diversos incensos.

Mas antes de se lançar ao mar a oferendas, cada terreiro faz o chamado gira, quando ao som das tabaques os médiuns se incorporam no preto velho ou no povo do mar. As mulheres principalmente são incorporadas por Iemanjá e começam a girar até entrar no mar. Muitas vezes um esquema de salva-vidas é acionado para que as mulheres que entram mar a dentro sejam protegidas, evitando-se afogamentos. São muitas as oferendas, até fitas azuis de comprimento da altura da pessoa colocadas em forma de laços dentro dos ramalhetes de flores.

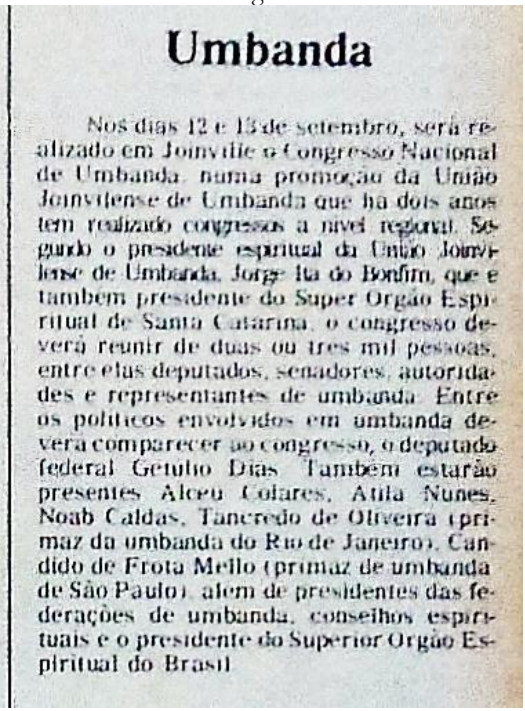
As lojas tiveram bom movimento

Do sofriment

bom prato da

Fonte: Jornal A Notícia, 01 de janeiro de 1982

Figura 5 – Anúncio do Congresso Nacional de Umbanda



Umbanda

Nos dias 12 e 13 de setembro, será realizado em Joinvile o Congresso Nacional de Umbanda, numa promoção da União Joinvilense de Umbanda que há dois anos tem realizado congressos a nível regional. Segundo o presidente espiritual da União Joinvilense de Umbanda, Jorge Ita do Bonfim, que é também presidente do Super Orgão Espiritual de Santa Catarina, o congresso deverá reunir de duas ou três mil pessoas, entre elas deputados, senadores, autoridades e representantes de umbanda. Entre os políticos envolvidos em umbanda deverá comparecer ao congresso, o deputado federal Getulio Dias. Também estarão presentes Alceu Colares, Atila Nunes, Noab Caldas, Tancredo de Oliveira (primaz da umbanda do Rio de Janeiro), Candido de Frota Mello (primaz de umbanda de São Paulo), além de presidentes das federações de umbanda, conselhos espirituais e o presidente do Superior Orgão Espiritual do Brasil

Fonte: Jornal A Notícia, 06.06.1981

Figura 6 – Relato Jornalístico de Congresso Regional de Umbanda de 1981

Reunião de umbandistas

Umbandistas de todo o Estado estão chegando desde quarta-feira a Joinville para o I° Encontro Regional de Umbanda Catarinense, que começa hoje e termina amanhã. São esperadas mais de três mil pessoas, que serão alojadas no ginásio Max Colin e centros de umbanda existentes na cidade. Também estarão presentes ao encontro autoridades espirituais da religião vindos de diversos estados. Entre eles está Moab Caldas, do Rio Grande do Sul, que conforme Otávio Carlos de Oliveira, presidente da União Joinvilense de Umbanda, é um dos maiores líderes Umbandistas, do país.

Estão programadas palestras, shows musicais, canto do Hino Nacional e uma feijoada a "preto velho", tradição entre os umbandistas.

Orixás

A umbanda surgiu no Brasil em 1817, derivada do candomblé trazido por escravos africanos. "Foi numa reunião de grandes babalaôs e orixás do candomblé onde se decidiu que a religião originária da África teria que ser um pouco modificada, porque os hábitos e costumes aqui eram diferentes. Além disso, o país vivia praticamente na idade média o que nos impunha um posicionamento através da religião", explicou Jorge Itá Bonfim, presidente do Superior Conselho Espiritual da União Joinvilense de Umbanda.

Daquele tempo até Castelo Branco, segundo ele, a religião foi muito perseguida no Brasil, com um leve abrandamento quando Getúlio Vargas assumiu a Presidência da República.

A diferença fundamental entre a umbanda e o candomblé é que a primeira é o reinado dos eguns (mortos) e a segunda acredita no reinado dos espíritos vivos da natureza, "criação suprema de Lorum (Deus) e na glorificação de Oxalá (Jesus)", disse Itá do Bonfim. O primeiro orixá da umbanda foi Maria Conga (espírito da luz), muito combatida porque os portugueses, que trouxeram de sua terra a sua religião (católica) não aceitavam que os africanos também tivessem a sua. Isso na opinião do presidente do Superior Conselho Espiritual está errado. "comparo as religiões a rios. Assim como estes desembocam no mar as religiões levam a Deus"

Filiações

Conforme Itá do Bonfim, existem atualmente cerca de 40 milhões de umbandistas no país e destes 75 mil estão em Santa Catarina. A umbanda também se ramificou em outros países da América do Sul, como Argentina, Uruguai e Paraguai. Em Joinville existem 45 centros de Umbanda filiados a União Joinvilense de Umbanda, embora se estime que hajam mais de 100 funcionando.

A programação do I° Encontro Regional de Umbanda começou hoje às 13h30min no Centro Social Urbano "Henrique Meyer Júnior", no Itaum, com o hasteamento da bandeira do Brasil. A seguir haverá uma apresentação do coral da Furj e discursos do prefeito, do presidente da União, entre outros. Estava prevista a presença do governador Jorge Bornhausen, mas devido a morte de Dieter Schmidt ela pode ser cancelada. Às 19 horas está previsto o início de um ciclo de palestras culminando com a feijoada a "preto velho" (tradição da religião nos dias 13 de maio). Amanhã as palestras começam às 8 horas e a programação será encerrada às 15, com uma gira de confraternização.

Fonte: Jornal A Notícia, 26.09.1981

Pai Fernando de Oxóssi, quando da realização de entrevista, comentou sobre o estranhamento causado na comunidade religiosa afro-brasileira quando da implantação do Candomblé em Joinville, em função dos rituais de iniciação, especialmente a raspagem das cabeças. Essa fala revela a questão das identidades religiosas, se não ao nível de um conflito, pelo menos, num estranhamento entre umbandistas e candomblecistas.

> O umbandista se sente um pouco inferior e quer passar por cima do candomblecista e este quer passar por cima do umbandista e ficam aquelas briguinhas e picuinhas das situações. Assim as diferenças se mostraram: pois um não recebe o caboclo e não recebe o Ogum enquanto para o outro a Iemanjá só poderia se manifestar em cabeça de raspado e não desceria na cabeça de umbandistas. Nem todas as pessoas naquela época aceitavam o Candomblé porque tinha que raspar a cabeça.[23]

Essa disputa se evidencia em matérias jornalísticas como a que foi publicada no Jornal A Notícia do dia 16 de agosto de 1987, na qual, numa entrevista, a Ialorixá Maria Rosa de Ogum explicava algumas questões relativas ao Candomblé e seus orixás. Em determinado ponto da entrevista, ela lança um desafio e diz que para derrubá-la *é preciso um prédio de um metro e setenta centímetros de altura e como ainda não tem, não há quem me derrube.*[24]

Figura 7 – Capa do Jornal A Notícia (21.04.1987) -1º Congresso de Umbanda da Federação Espírita de Santa Catarina

Médiuns de todo Estado mostram a união da Umbanda

Mais de 1.200 pessoas prestigiaram, na tarde de ontem, no ginásio de esportes Abel Schulz, em Joinville o 1º Congresso de Umbanda realizado pela Federação Espírita de Santa Catarina. Cerca de 350 médiuns de todo o Estado participaram do encontro, que teve como objetivo principal mostrar ao povo que a Umbanda está unida. Um altar com a imagem de Saó Jorge, que na Umbanda representa Ogum, foi montado dentro do ginásio onde os pais-de santo prestaram suas homenagens e deram passes aos presentes. Várias autoridades também estiveram prestigiando o evento. **Página 5**

Umbandistas de todo Estado prestigiaram o congresso e homenagearam Ogum. Autoridades e mais de 1.200 pessoas compareceram

Fonte: Jornal A Notícia, 21.04.1987

O comércio de produtos

A existência de religiões afro-brasileiras implica na configuração de um mercado que abastece os rituais dos materiais necessários ao seu bom desenvolvimento, como: sementes, preparados, contas, guias, amuletos, utensílios domésticos, produtos alimentícios, armarinhos, animais, velas, incensos. Zeny Rosendahl nos alerta que: "ao reconhecer que existe mais simbolismo nos objetos e coisas do que sua aparência indica, por vezes camuflado ou escondido, é sugerido afirmar que os bens simbólicos são mercadorias que possuem valor de uso e que em determinado contexto cultural passam a

[23] BARTEL, 2011.
[24] Jornal A Notícia, 1987, p. local 5.

ter associado o valor simbólico. A natureza do bem simbólico reflete assim duas realidades, a mercadoria e o significado, o valor cultural e o valor mercantil do bem."[25]

Dessa forma, diversos lugares da cidade de Joinville comercializam bens indispensáveis para o exercício do culto às divindades afro-brasileiras. Atualmente, cerca de três lojas situam-se no Centro da cidade e é em torno delas que as notícias, fuxicos e indicações de trabalhos giram, tanto para o povo-de-santo quanto para os usuários de serviços espirituais que não possuem muito vínculo com a religião. Essas lojas são espaços interessantes, também, em função de suas localizações: uma delas, a Casa das Estatuetas, encontra-se instalada com a Igreja Universal do Reino de Deus num mesmo edifício, tombado pelo Patrimônio Histórico de Joinville. Outra, a Casa das Ervas (Figura 8), nas imediações da praça central, também próxima a uma igreja evangélica. A outra, a Casa de Yemanjá, numa das esquinas mais movimentadas da cidade. Juntas, oferecem uma variada gama de produtos (poções, preparados, banhos, alimentos, incensos, sementes (obi, orogbo) etc.), artefatos (ferramentas de orixás, estatuárias variadas, indumentárias, fios-de-contas etc.), plantas, bem como, informações variadas em diversas mídias como: CD´s, DVD´s, livros, etc.

> As lojas representam, nesse sentido, uma intermediação entre a natureza e a cidade num nível onde prevalece a cidade, pois sem sair dela é possível obter (...) artigos religiosos (...) industrializados ou coletados na natureza como folhas, pedras (otás), penas, sementes, etc. para serem consagrados nos terreiros. A loja é mesmo o "mato" ou a "reserva natural instituída" na cidade para o culto dos deuses.[26]

O mercado é o espaço de uma das energias mais importante das religiões afro-brasileiras, que é conhecida como Exu. Ele é o dono do mercado e recebe o título de *Olóojà*, que significa exatamente "o dono do mercado". Portanto,

> dinheiro e mercadorias; narrativas, informações e cumprimentos têm em comum o fato de serem coisas trocadas (...) e porque a troca é movimento e o movimento implica transitividade, todas elas estão subordinadas a Èsù, o grande princípio dinâmico na cosmovisão do Candomblé.[27]

Acredita-se que sem mercado não há culto e sem os cultuadores de Exu não há mercado. O mercado é, portanto, uma configuração de lugares, produtos, pessoas e energias[28]. Na Salvador dos anos 1930 "Os mercados eram ponto de encontro para o povo-de-santo, local de trabalho para comerciantes que, se não pertenciam ao culto,

[25] ROSENDAHL, 2005, p. 12.929.
[26] SILVA, 1995, p. 215.
[27] VOGEL, 1998, p. 7.
[28] Para uma etnografia do mercado fornecedor dos produtos de consumo dos ilês axés de Candomblé conferir VOGEL, *Op. Cit.., p.p. 08-15.*

precisavam compreender a sua lógica para atender e atrair clientes"[29], como bem aponta Iris Verena de Oliveira. O Mercado Público Municipal e as lojas de produto votivos, armarinhos, aviários etc., espalhadas por Joinville, dos anos 1980 em diante, passou a receber a demanda do povo dos Ilês Axé de Candomblé que passaram a se instalar na cidade desde então. Nesse sentido, a cidade e seus comerciantes precisaram adaptar sua linguagem e seu atendimento a esse público que muito consome e necessita estar conectado aos outros centros do país, pois, "quem quer que pretenda se qualificar como fornecedor deve, antes de tudo, qualificar-se como conhecedor (...) com o seu prestígio, cresce a sua freguesia"[30]. Atualmente, inclusive as lojas devem praticar preços condizentes com o mercado nacional em virtude da facilidade de acesso ao comércio de capitais como São Paulo e Rio de Janeiro que atende a todo o território nacional, via internet, telefone e envio via serviços postais.

Ogã Maurício, um de nossos entrevistados mais eloquentes foi testemunha do processo de estabelecimento do mercado de produtos para abastecer as casas de culto de Candomblé em Joinville. Ele lembra da dificuldade que era encontrar, na cidade, determinados elementos fundamentais ao culto. O acesso a eles era:

> Muito precário, por que não existia, existia uma Casa das Ervas assim como a do Emilson[31]. Para o senhor ter uma ideia, praticamente, a casa do Emilson eu vi nascer, inclusive, eu fazia alguns produtos. Curitiba era o ponto mais próximo para se conseguir alguma coisa, obi[32], orobô[33], búzios, e essas coisas todas. Como eu viajava e ia sempre para o Nordeste, trazia de lá e como trazia para o Emilson latas de 18 quilos de dendê[34], sacos de 30, 40, quilos de búzios, assim, praticamente de graça, eu conseguia lá. E conseguia absolutamente tudo, até folhas de Irôco[35], folhas de qualquer coisa, eu levava relacionado e se eu achasse trazia, se eu não achasse fazia o quê? Paciência. Então trazia esteira, mas esteira de carnaúba.[36]

O fornecimento local desse produtos ainda carece de variedade e constância de produtos. Assim, devido à localização estratégica da cidade em relação aos grandes centros fornecedores, boa parte desses produtos chegam aos terreiros da cidade por diversos meios. Diante disso e aproveitando-se das brechas do mercado deixado pelas lojas especializadas, as quais, ainda hoje, não suprem adequadamente o exigente mercado do

[29] OLIVEIRA, 2011, p. 10.
[30] VOGEL, *Idem., p.09.*
[31] Refere-se à Casa das Ervas, comércio que oferece boa parte dos elementos necessários ao desenvolvimento do Candomblé.
[32] *Cola acuminata*
[33] *Garcinia kola*
[34] *Elaeis guineensis*
[35] *Chlorophora excelsa*
[36] SANTOS, 2009.

Candomblé Joinvilense, muitos comerciantes ambulantes internacionais trazem para a cidade produtos africanos como: sementes, sabões, indumentárias, tecidos e fios de conta, que se destacam em relação aos produtos nacionais, em função de sua exclusividade e do senso estético aplicado nesses objetos, como é o caso dos produtos ofertados por uma família de nigerianos, sediada em Curitiba/PR, que atende, além do mercado paranaense, o catarinense, com visitas sistemáticas aos ilês axés, terreiros e residências (Figura 9).

Figura 8 – Comércio de artigos votivos, Casa das Ervas

Autor: Gerson Machado, 29.10. 2012

Figura 9 – Comércio de produtos feitos por nigerianos, de porta em porta.

Autor: Gerson Machado, 21.06.2008.

Além de conectar Joinville aos centros de distribuição de produtos, em virtude de seu ofício de motorista rodoviário, Ogã Maurício foi se inteirando a respeito da produção de ferramentas de orixás. Sua arguta observação desses elementos fora da cidade permitiu se firmar no mercado local como o principal fornecedor de ferramentas dos orixás. Ressalto que a produção das "ferramentas" ou "ferros" dos orixás envolve domínio de técnicas de manejo de materiais e equipamentos diversos, além do domínio da iconografia que materializa a narrativa e os "fundamentos" dos orixás. É um exercício de produção de Arte-sacra, vinculada à religiosidade afro-brasileira, com exemplares que apresentam apurado senso estético.

> "São ferros de assentamentos, azés ou filás em palha-da-costa, diloguns em miçangas, adês em latão dourado recortado e marchetado, alfanjes em cobre, correntes de ibá em ferro cromado, panos-da-costa em *richelieu*, abebês em flandres e adornados de búzios e guizos, mariôs em folha de dendezeiro desfiada, sem falar na culinária, área tão digna, complexa e fundamental à memória ancestre dos deuses e seus vínculos com os homens."[37]

Os centros mais tradicionais de difusão dessas religiões são os que concentram a produção, em maior vulto, desses objetos de culto, abastecendo os mercados dos centros menos tradicionais nos quais essa religião se manifesta. Nessa condição, Joinville importou, durante muito tempo, esses materiais.

Hoje, Ogã Maurício é referência a todo o povo-de-santo da cidade quando há necessidade desses objetos. Raul Lody explica que:

> o domínio na construção de objetos – notadamente os de destinação ritual religiosa – assimila saberes sobre história religiosa, liturgia e função específica para o desempenho em âmbito sagrado; são saberes arcaicos ora preservados, ora atualizados para cada situação, região, local e usuário específico.[38]

Boa parte dos rendimentos que dão sustento ao seu núcleo familiar provêm da produção desses objetos sacros. Assim, o saber envolvido nessa produção é repassado continuamente ao seu filho que o ajuda na oficina e, também, produz boa parte desses materiais para o mercado religioso afro-brasileiro de Joinville. Essa circularidade de saberes é comum nesse universo e conforme Raul Lody:

> Os conhecimentos tecnológicos e a pedagogia da arte/artesanato voltados à produção e consumo afro-brasileiro vêm naturalmente na transmissão de conhecimentos por laços familiares, por

[37] LODY, 2003,p. 18.
[38] LODY, *Op. Cit.*, p.18

> adestramento de aprendizes em oficinas e, em muitos casos, no desempenho sacerdotal – tecnologia do sagrado -, ou em momentos iniciáticos em terreiros, quando o noviço desenvolve trabalhos complementares aos símbolos e ferramentas dos deuses.[39].

Sobretudo, o mercado de produtos e saberes em torno do Candomblé não pode ser monopolizado nem por pessoa, muito menos por grupo. É necessária a constituição de redes de solidariedades que interdependentemente alimentem-se e atualizem-se, continuamente, a partir da circulação de saberes e valores. Pai Nino de Ogum comentou que *para se fazer santo no Candomblé existem folhas que aqui para nós é muito difícil de serem encontradas. Então, ou se busca em Curitiba ou minha família de santo manda de São Paulo para cá! A nossa flora aqui é muito rica, porém, não são as folhas de axé! E quando você acha alguma coisa por aqui você tenta cultivar para poder ter.*[40] (Figura 10)

O Ogã Maurício, por exemplo, em toda a sua trajetória, reconhece a presença e a importância das redes de relações, o que explicou, inclusive, sua atuação como artista sacro.

> É como eu disse pro senhor, as coisas acontecem na vida da gente quando menos se espera! Eu realmente eu não sabia que eu tinha esse dom de fazer ferramentas, de confeccionar essas coisas, não sabia não, e estou engatinhando ainda, nesse tipo de confecção, mas isso apareceu assim por acaso. Por causa de quem? Por causa de meu compadre Mucongo, e foram as primeiras ferramentas que eu pude confeccionar, foi lá para a casa de Iaiá[41], foi o quê? Alguns colarezinhos feitos de latão, que até hoje soa no meu ouvido ela mesmo dizer que foi uma joia. Foram feitos de latão bem polido, ficaram parecidos com ouro. (...) depois disso aí eu fui distribuindo para o Emilson e depois dele foi passando para outras casas de Umbanda, inclusive para algumas cidades adjacentes. Tenho muita procura, muita procura mesmo. Eu até parei de atender essa procura aqui em casa (...) eu prefiro fazer para o Emilson lá da Casa das Ervas, por que ele me pede uma ferramenta e eu faço cinco e ele fica com todas. Então eu firmei um contrato com ele lá, uma coisa assim mais séria, mais profissional, pelo circulo de amizade, pelo tempo de amizade que nós temos, para eu confeccionar ferramentas somente pra ele, somente pra loja.[42]

Outro saber aplicado ao culto dos orixás é o que envolve a produção das indumentárias, tanto as de uso cotidiano quanto as de uso ritual, inclusive as utilizadas pelos orixás em transe, em sua performance pública. São tecidos, cores, laços, adornos

[39] LODY, *Idem*, p. 18-19
[40] CUNHA, 2011.
[41] Iaia é como este entrevistado se refere à Iyalorixá Jacila de Oxum.
[42] SANTOS, *Op. Cit.*.

que conferem ao fiel e ao orixá manifestado a inserção numa teia de significados que informam o lugar hierárquico e sagrado que cada um ocupa. A confecção depende de domínio técnico e da interação entre o que solicita o serviço e a pessoa que confecciona. É um campo de relações demarcado, que implica um processo de referenciação e cumplicidade. O neófito, para adentrar nesse universo, precisa aprender a contratar os serviços e a dominar o mercado e os códigos. Essa aprendizagem se dá, especialmente, por meio da vivência no espaço sagrado condensado nos ilês axés, mas, também, por meio das autoridades sacerdotais (iyalorixás, babalaorixas, egbomis, ogãs, ekedes, entre outros) que apresentam aos "mais novos" o sistema de significados que circunda os Candomblés.

Figura 10 – Plantas rituais são cultivadas na calçada pública em frente a um ilê axé joinvilense

Autor: Gerson Machado, 14.08.2012

Considerações finais

Toda a discussão desenvolvida até aqui aponta para a ampliação do entendimento do fenômeno do estabelecimento e expansão do mercado religioso vinculado às negociações e conflitos que possibilitam a formação de identidades ligadas ao escopo das religiões afro-brasileiras, numa cidade de porte médio, como Joinville/SC, entre as décadas de 1980 a 2000. O percurso desenvolvido partiu da invisibilidade, do quase nada, informada pelos dados estatísticos e censitários, até alcançar o universo vivo e pulsante

do Candomblé, através dos depoimentos daqueles que ajudaram a construir essa experiência religiosa.

Desta forma, foi do ilê axé matriz dedicado a Iyemanjá Ogunté, que a cidade passou a palco de *efôs*,[43] enunciados no idioma Yorubá. Esta agremiação religiosa materializou no espaço-tempo, pela primeira vez, essa identidade religiosa. Apesar do encerramento das atividades da mesma, tal experiência, possui ressonâncias na cidade de Joinville até o presente. Esta constatação está longe de ser banal, visto que o modelo da produção industrial de larga escala e o trabalho associado atraiu, não só um expressivo contingente de migrantes, mas, sobretudo ofereceu um repertório simbólico largamente consumido pelas pessoas que a habitam.

Diante disso, foi nesse processo de estabelecimento do migrante que corpos e ideias distintos ocuparam o cenário da "Manchester Catarinense". No tocante à religião dos orixás, muitos "atabaques", desde então, se instalaram na "cidade do trabalho", povoando a paisagem sonora com ritmos e idiomas diferentes do português. Suas encruzilhadas, matas, cachoeiras, o comércio de produtos e a expressão artística, entre outros, passaram a ser ocupados por oferendas votivas a deuses pouco conhecidos pelos moradores, mas que pouco-a-pouco estão se acomodando no imaginário das pessoas, povoando suas paisagens mentais.

A discussão apresentada até aqui possibilita identificar as negociações em torno do mercado simbólico de bens e serviços que orbitam os cultos das religiões afro-brasileiras, em Joinville e região, assim como, suas formas de organização. Trata-se de uma primeira sistematização de dados que procurou cartografar a dispersão e o trânsito dessas religiões, especialmente os Candomblés.

Com isso, foi possível compreender, também, como as diversas denominações religiosas do escopo afro-brasileiro estabeleceram negociações no mercado religioso em cidades fora dos principais eixos de expansão e consolidação dessas religiões. Destarte, o caso joinvilense também, contribui com o processo de heterogeneização da sociedade brasileira. Especificamente, isso ocorre, tanto pelo seu celebrado processo de imigração europeu, quanto pelos outros processos migracionais que trouxeram para a cidade uma diversidade pulsante de vida e de sistemas culturais.

REFERÊNCIAS

FONTES JORNALÍSTICAS

A NOTÍCIA. 30 Ago. 1980, p.17. (Classificados)
A NOTÍCIA. 04 Set. 1980, p. 19.

[43] *Efôs* é palavra pronunciada, que transmite o axé, o encantamento. Acredita-se que as energias votivas do Candomblé só podem ser movimentadas a partir da pronuncia de palavras, seja em forma de *orikis* (espécie de poemas que ressaltam qualidades e passagens da vida dos orixás), seja em forma de *Nkorins* (cantigas), feitas por pessoas carregadas de axé. Por isso o cuidado que muitas pessoas ligadas ao culto dos orixás e ancestrais possuem com tudo o que é dito, pois as palavras tem o poder de criar realidades.

A NOTÍCIA. 26 Set. 1980, p. 5. (Local)
A NOTÍCIA. 01 Out. 1980, p.2.
A NOTÍCIA. 06 Jan. 1981.
A NOTÍCIA. 26 Set. 1981.
A NOTÍCIA. 01 Jan. 1982.
A NOTÍCIA. 06 Dez. 1985, p.16. (Classificados)
A NOTÍCIA. 05 Abr. 1987, p.5.
A NOTÍCIA. 21 Abr. 1987.
A NOTÍCIA. 26 Abr. 1987. (Classificados)
A NOTÍCIA. 09 Jun. 1987, p. 18. (Classificados)
A NOTÍCIA, 16. Ago, 1987.
A NOTÍCIA. 02 Set. 1987, p. 18. (Classificados)
A NOTÍCIA. 01 Nov. 1987, s.p.. (Classificados)
A NOTÍCIA. 03 Nov. 1987, s.p..

FONTES ORAIS

BARBOSA, Jacila de Souza. **Entrevista**. Joinville: 23 Mar. 2011.
BARTEL, Fernando Sebastião **Entrevista.** Joinville: 13 Abr. 2011.
CUNHA, Orlando. **Entrevista**. Joinville: 24 Mar. 2011.
SANTOS, Maurício Ferreira dos. **Entrevista**. Joinville: 20 Jun. 2009.

BIBLIOGRÁFICAS

CONSORTE, Josildeth Gomes. Sincretismo ou Antissincretismo? Aspectos políticos e Religiosos de Construção de uma Identidade Negra na Diáspora. *In: BARRETTI FILHO, Aldo (org.).* ***Dos Yorubás ao Candomblé Kétu: origens, Tradições e Continuidade.***

DERRIDA, Jacques. Fé e saber. *In:*VATTIMO, Gianni; DERRIDA, Jacques (orgs.). **A religião: o seminário de capri.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p.p. 11-89.

FONTOURA, Arselle de Andrade da; SILVA, Janine Gomes da. Histórias sobre a presença negra em Joinville no século XIX. **Joinville Ontem & Hoje.** Março, 2005, p.22-25.

GRUNER, Clóvis. **Leituras Matutinas; utopias e heterotopias da modernidade na imprensa joinvilense**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

GUERREIRO, Silas. "Quer ver o seu futuro, seu moço?" Uma interpretação dos jogos divinatórios na sociedade contemporânea. *In:* ISAIA, Artur Cesar (org.) **Crenças, sacralidades e religiosidades.** Florianópolis: Insular, 2009, p. 249-265.

IBGE. **Metodologia do Censo Demográfico 2000.** Rio de Janeiro: 2003 (disponível em : http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/

IBGE. **Sinopse CD 1980**.

IBGE. **Sinopse preliminar do Censo Demográfico – 1991 – Santa Catarina.** 1991.

ISAIA, Artur Cesar. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. **Anos 90.** Porto Alegre, n. 11, julho de 1999, p. 97-119.

LODY, Raul. **Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras.** Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MACHADO, Gerson. **Memórias e relações étnicas: um olhar a partir da oralidade (1930-1940)**. Curitiba: Dissertação de Mestrado, 2003.

OLIVEIRA, Iris Verena Santos de. Cartografias simbólicas de Salvador: Espaços sacralizados pelo povo de santo. In: FERREIRA, Marieta de Morais (org.). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: internet/ANPUH, julho 2011.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** São Paulo: editora brasiliense, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jathay. Negros feitiços. *In*: ISAIA, Artur César (org.). **Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea.** Uberlândia: EDUFU, 2006, pp. 129-172.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente: uma aula. **Novos Estudos.** N.75, jul. 2006, p.p. 111 - 127.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas Revista de Ciências Sociais.** V.3, n.1, Porto Alegre: PUC/RS, jun. 2003.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: Candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados.** V.18, n.52, 2004, p.p. 223- 238.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma Perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 20 a 26 de março de 2005, p.p. 12.928 – 12.942.

SCHWARCZ, Lílian Moritz. **O espetáculo das raças;** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajai-Mirim**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1974.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VOGEL, Arno *et alli*. **A galinha d´Angola.** 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.